

LIVRO DOS MORTOS, UMA DISCUSSÃO ACERCA DO CAPÍTULO 30

Marina Buffa César - Museu Nacional/UFRJ

O presente trabalho tem como objetivo mostrar as funções e diferenças entre as traduções do Capítulo XXX do Livro dos Mortos. Esse se refere à pesagem do coração do morto no Tribunal de Osíris e era recitado pedindo que o coração não se levante contra seu dono ao longo da cerimônia.

O Livro dos Mortos foi extensamente usado no Egito durante o Novo Império, época essa em que são encontradas as melhores cópias do mesmo. Nos primeiros reinados ele era escrito nas paredes das tumbas. Com o passar das dinastias ele começa a ser escrito em papiros, tanto em hieróglifos, hierático ou demótico, dependendo do período em que era copiado. O papiro era colocado dentro do caixão com o morto, possuía o intuito de ser recitado ao longo do caminho que o levava ao Mundo Inferior. Caso o morto, que já obtivera o conhecimento dessas fórmulas (ou capítulos), esquecesse uma parte do mesmo, tinha o papiro como auxílio.

Antes mesmo de ser escrito ele era recitado, como fórmulas. Por possuir essa tradição oral, a datação de sua origem fica extremamente complicada. Isso gera uma discussão e incongruência entre os autores que escrevem sobre ele. Neste trabalho serão usados datações e traduções de Paul Barguet (BARGUET,?) e sir. E. A. Wallis Budge (BUDGE,2002). Há autores que sugerem que esse é um desenvolvimento do *Texto das Pirâmides*. Outros, como Budge, reportam o surgimento desse como anterior ao período dinástico, por ser derivado de uma tradição oral e por possuir vários trechos que remontam ao período pré-dinástico (BUDGE, 2002;13).

O que se tem como datação aparentemente certa sobre o Livro dos Mortos são as recensões. Elas são três: a Heliopolitana, Tebana e Saíta. A Recensão Heliopolitana, usada na 5^a e na 6^a dinastias, era escrita em hieróglifos na parede das tumbas de Saqqara. Posteriormente, na 11^a e 12^a dinastias, ele já era escrito em hieróglifos cursivos em esquifes. A Recensão

Tebana era escrita em papiros em hieróglifos, na época da 18^a até a 22^a dinastias. E, em hierático, num período compreendido entre a 21^a e 22^a dinastias. Por fim, a Recensão Saíta era escrita em papiros, ataúdes, etc. Os caracteres usados eram hieróglifos, hieráticos e demóticos, compreendendo a 26^a dinastia e as posteriores. Essa Recensão é considerada como a última do Livro dos Mortos (BUDGE, 2002;29).

Esse mesmo problema de datação será apresentado agora, com relação ao Capítulo XXX. É importante recordar que na História do Egito Faraônico é extremamente complicado fixar uma data correta para cada época, ou procedimento. Na maioria dos casos é utilizada uma data aproximada. Esse capítulo é tido como um dos mais antigos do Livro dos Mortos.

A respeito do surgimento deste têm-se duas versões. A primeira expõe que ele foi encontrado sob os pés do deus Thot em uma estátua da 1^a dinastia (2920-2770 a. C.), época do reinado do faraó Semti-Hesepti. A segunda, amplamente utilizada, atribui a descoberta ao príncipe Herutataf, na época da 4^a dinastia(2575-2465 a. C.). Ele o descobriu durante uma viagem de inspeção aos templos de sua propriedade, no templo da Majestade do Rei do Norte e do Sul Miquerinos, localizada em Khemenu (Hermópolis Magna), aos pés de uma estátua do deus Thot, escrito em uma laje de ferro (BUDGE,2002;62). As duas versões conferem a escrita do texto ao próprio deus, deificando o capítulo, deixando-o mais importante.

Carol Andrews (ANDREWS,1994) afirma que essa é uma versão usada somente para mistificar o capítulo. No seu livro, ela diz que não havia nenhuma necessidade desse ser usado antes do Primeiro Período Intermediário. Contudo, ao ler o texto da autora, percebe-se que ela remete o “surgimento” do capítulo ao amuleto do escaravelho-corção— objeto que será tratado posteriormente— pois, como ela mesma apresenta, o mais antigo encontrado até hoje era pertencente à 13^a dinastia. Outro ponto que nos leva a entender o porquê da escolha dessa data por Andrews é que a 9^a dinastia foi formada por Hicsos, povos que invadiram o Egito e o governaram por cerca de 100 anos.

Foram eles que introduziram o amuleto do escaravelho, como comemorativo e não funerário, ao longo do território egípcio. Sendo funerário aquele que leva em sua parte posterior o Capítulo estudado nesse trabalho. Por serem afirmações muito subjetivas e que a autora não os baseia em fatos, preferi utilizar aqui como muitos autores o “surgimento” desse capítulo na 4ª dinastia.

O Capítulo XXX pode ser encontrado em todos os papiros não mutilados e em centenas de escaravelhos-coração.

O Livro dos Mortos, dependendo do copista, é dividido em partes, com conglomerados de capítulos nos quais cada seção possui um significado. Ou seja, cada uma possui fórmulas que remetem a uma intenção no Mundo inferior. Serão citadas aqui as divisões de Sir E. A. Wallis Budge e Paul Barguet.

Nas palavras de Budge, o capítulo encontra-se em comunhão com o 27º, 28º e 29º, formando, assim, a proteção ao coração do falecido, para que esse não seja roubado pelos “ladrões de coração” no Mundo inferior. Para Paul Barguet, que faz uma divisão do Livro em 5 seções, o 30º está na seção número 2, entre o 17º e o 63º, que são denominados capítulos de “sair ao dia”, a regeneração. Assim, ele diz que esses compõem o triunfo e a eclosão do morto ante a incapacidade de seus inimigos. Esse capítulo possui uma ligação com a pesagem do coração do falecido no tribunal de Osíris (Figura1)



Figura 1. Cena do Tribunal de Osíris. Papiro de Hunefer foi um escriba real do final do reinado do faraó Ramsés I. Acena representada do Tribunal de Osíris é como aparece nas vinhetas.

O tribunal era constituído de uma “sala” onde se encontravam na parte superior 42 juízes que ajudavam Osíris, que era o juiz supremo de toda a cerimônia. O falecido era trazido de mãos dadas com Anúbis (lado esquerdo da imagem) e, logo após, seu coração era pesado juntamente com Ma’at, a Deusa da verdade e da justiça que poderia ser representada por uma mulher sentada com um símbolo na cabeça e, também como uma pena, maneira pela qual é mais conhecida. Ainda na balança há a presença de uma deusa híbrida que possui cabeça de crocodilo, corpo de leão e traseira de hipopótamo que aguardava a pesagem. Se o coração fosse rejeitado, ela o devorava. Um pouco adiante encontramos o deus Thot que anota todos os procedimentos. O coração da pessoa tinha que ser, então, mais leve ou de um peso igual à Ma’at. Caso esse fosse considerado mais pesado, ele era devorado pelo deus híbrido e a pessoa era esquecida para sempre. Se não fosse mais pesado, seria recompensado com a imortalidade.

O morto recita as fórmulas desse capítulo pedindo que: ninguém se oponha a ele no Julgamento diante dos Divinos feitores; que o seu coração não o deixe; que os deuses principais de Osíris não façam seu nome cheirar mal;

que não prevaleçam contra ele falsos testemunhos; e que o veredicto do virtuoso lhe seja conferido depois que seu coração tiver sido pesado.

A partir desse ponto do trabalho será discutido o capítulo XXX, suas divisões em XXX, XXXa e XXXb e suas versões. Serão apresentadas duas versões diferentes do XXXa e XXXb e somente o XXX aparecerá com uma versão. Teremos ainda uma versão que é a compilação de todos. Antes de cada divisão dessa fórmula serão apresentadas suas vinhetas e suas rubricas com todas as explicações e conceitos necessários.

Capítulo XXX

Na vinheta desse capítulo encontramos o falecido em pé, com as mãos erguidas em adoração diante de um escaravelho colocado sobre um pedestal, (Figura 2).

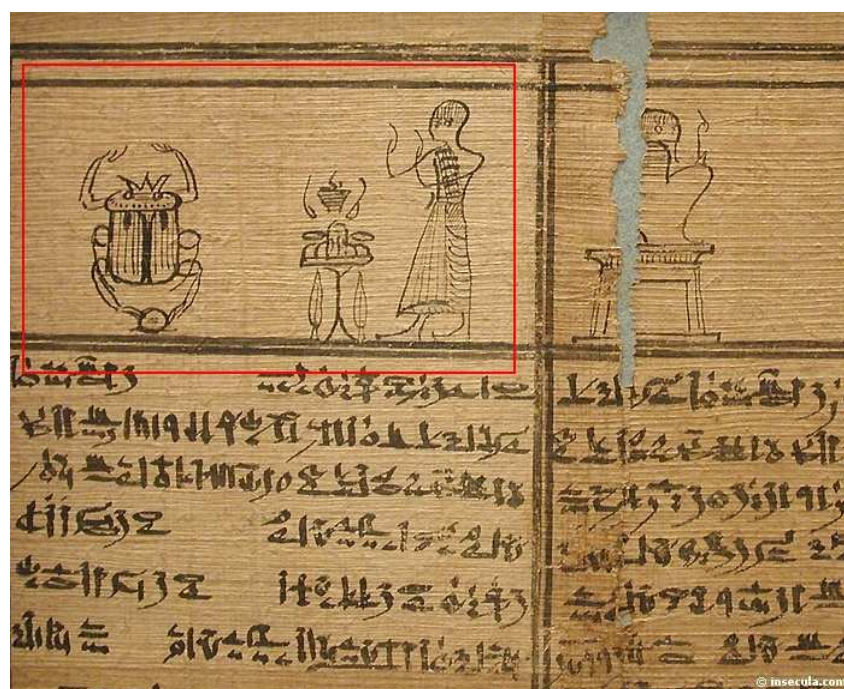


Figura 2. Vinheta do Capítulo XXX. Papiro do primeiro século d.C., Dinastia ptolemaica. Texto escrito em demótico. Fonte: www.insecula.com

As rubricas desse capítulo ordenam que ele seja recitado diante de um escaravelho (1) de basalto, encravado em um engaste de ouro e colocado no local do coração do morto para o qual se tenha realizado a cerimônia de “abertura da boca”.

A única versão que possuo desse é de Sir E.A. Wallis Budge:

Fórmula de como não deixar o coração de um homem ser-lhe arrebatado no mundo inferior:

“Oh meu coração, minha mãe; Oh meu coração, minha mãe! Oh meu coração de minha existência sobre a Terra. Nada se erga para opor-se a mim no julgamento; não haja oposição a mim diante dos príncipes soberanos; [nenhum mal] seja manipulado contra mim na presença dos deuses; não haja separação [entre ti] e mim perante o grande deus, senhor de Amentet. Homenagem a ti, ó coração de Osíris-quent-Amentet! Homenagem a vós ó meus rins! Homenagem a vós ó deuses que habitais nas nuvens divinas e sois exaltados mercê dos vossos cetros! Dizei palavras justas em favor do Osíris Auf-anc, e fazei que ele prospere diante de Neebca. E embora eu esteja junto a terra, e na parte mais interna do céu, deixai-me permanecer na terra e não morrer em Amentet, e deixai-me ser lá uma alma imortal para todo o sempre.”(BUDGE,2002;215)

Capítulo XXXa

Em muitos papiros, inclusive nos da recensão tebana, não são encontradas vinhetas; em alguns aparece um coração colocado em cima de um vaso; também é encontrado o falecido adorando o próprio coração e, ainda, o falecido aparece em pé diante de quatro deuses onde um está com a mão estendida oferecendo-lhe um coração.

Esse capítulo não possui rubrica.

Esse capítulo costuma aparecer em maior quantidade em amuletos do coração.

A primeira versão é de Sir E.A. Wallis Budge:

De como não deixar que o coração do intendente da casa do intendente do selo, Nu, triunfante, lhe seja arrebatado no mundo inferior:

“Ó meu coração, minha mãe; ó meu coração, minha mãe! Ó meu coração de minha existência sobre a terra. Nada se erga em oposição a mim no julgamento perante os senhores do tribunal; não se diga de mim nem do que tenho feito, ‘Ele praticou atos contra o justo e o verdadeiro’; nada se volte contra mim na presença do grande deus, senhor de Amentet. Homenagem a ti, ó meu coração! Homenagem a ti, ó meu coração! Homenagem a vós, ó meus rins (vísceras)! Homenagem a vós, ó deuses que assisti nas divinas nuvens, e sois exaltados graças aos vossos cetros! Falai [por mim] coisas justas a Rá, e fazei que eu prospere diante de Neebca. E contemplai-me, ainda que eu esteja preso a terra nas suas partes mais íntimas, consenti que eu permaneça sobre ela e não me deixeis morrer em Amentet, mas me torne uma Alma Imortal dentro dela”.(BUDGE,2002;216)

A segunda versão está no Livro de Paul Barguet:

Fórmula para impedir que o coração do N. (2) não se oponha a ele dentro do império do mortos:

“Ó meu coração de minha mãe, ó meu coração de minha mãe, ó víscera de meu coração de minha existência terrestre, não se levante contra mim em testemunho na presença dos Senhores dos bens! Não diga sobre meu sujeito: “Ele fez isso, em verdade!” sobre a atenção de que eu fiz isso; não faça-se conhecido contra mim na presença do grande deus, senhor do Ocidente.

Salvação à ti meu coração! Salvação à ti, víscera de meu coração! Salvação à ti, meu seio! Salvação à vocês, deuses preeminentes, que trazem as tranças misteriosas que se apóiam sobre seus cetros! Me anuncie à Rê, me recomende à Nehebkaou quando ele se encontra ao Ocidente do céu.

Que eu seja durável sobre a terra, que eu não morra no Ocidente, que eu seja um bem-aventurado aqui!”(BARGUET,?;75)

Capítulo XXXb

Em alguns papiros da recensão tebana, esse capítulo aparece sem nenhuma vinheta. Talvez, pelo caso de aparecer junto com um dos textos que acompanham a cena do julgamento, onde forma a oração colocada na boca do falecido. A presente vinheta mostra o morto em pé, junto à balança, ao passo que seu coração é pesado junto com Ma'at representada como uma deusa. O seu coração na imagem também pode aparecer como um escaravelho. O macaco que está em cima de um pedestal é chamado de “Senhor de Khenemu, o pesador justiceiro” (Figura 3).

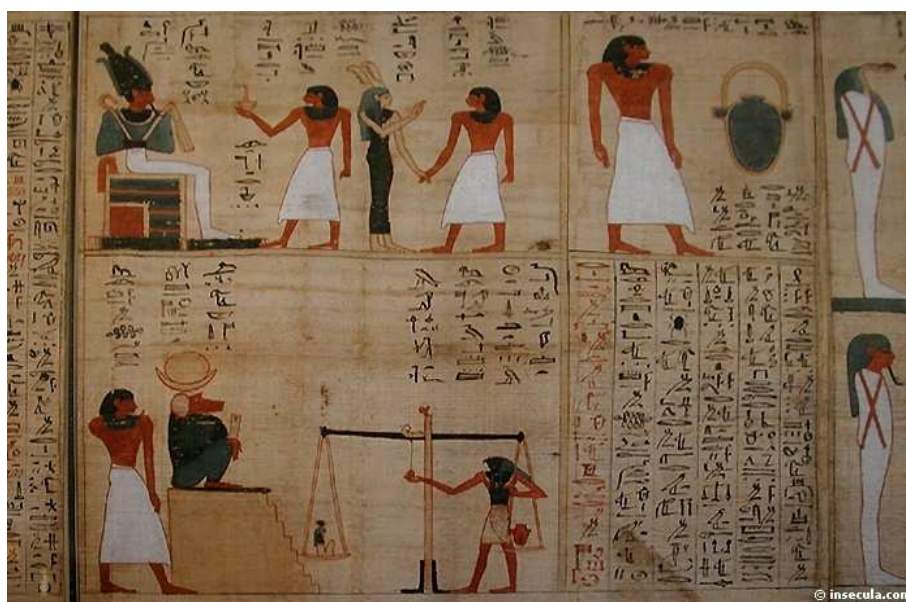


Figura 3. Vinheta do capítulo XXXb. Essa vinheta é encontrada em um papiro da 21ª dinastia. Pertencente a Imenemsaouf, chefe das portas do templo do deus Amon em Tanis. O papiro é escrito em hierático. Fonte: www.insecula.com

Em alguns papiros encontramos a rubrica do Capítulo 148 do Livro dos Mortos, onde diz: “Atenção, faze um escaravelho de pedra verde, lava-o com ouro e coloca-o no coração do falecido, e o escaravelho executará para ele a cerimônia de abertura da boca, unta-o com unguento e recita o capítulo XXX”.

Essa divisão do Capítulo XXX costuma ser encontrado em centenas de amuletos do escaravelho-corção ao longo de toda a história egípcia.

Segue a versão de Budge:

De como não deixar que o coração de Osíris, escriba das sagradas oferendas de todos os deuses Ani, triunfante seja afastado dele no mundo inferior:

“Meu coração, minha mãe; meu coração, minha mãe! Meu coração por meio do qual nasci! Nada surja para opor-se a mim no [meu] julgamento; não haja oposição a mim na presença dos príncipes soberanos; não haja separação entre ti e mim na presença do que guarda a balança! És o meu duplo (Ka), habitador do meu corpo; o deus Cnemu costurou e fortaleceu meus membros. Possas tu sair ao lugar de felicidade para onde vamos. Não façam os shenit, que formam as condições das vidas dos homens, meu nome cheirar mal. [Seja ele satisfatório para nós, e seja a sua escuta satisfatória para nós, e haja alegria de coração para nós na pesagem das palavras. Não seja o que é falso pronunciado contra mim diante do grande deus, senhor de Amentet. Grande serás, com efeito, quando te ergueres em triunfo]”.(BUDGE,2002;217)

Por último, a versão de Paul Barguet:

Fórmula para impedir que o coração de N. não se oponha a ele no império dos mortos:

“Ó meu coração de minha mãe, ó meu coração de minha mãe, víscera de meu coração de minhas diferentes idades, não se levante contra mim em testemunho, não se oponha a mim diante do tribunal, não mostre hostilidade contra mim na presença do guardião da balança!

Você é meu Ka que está no meu corpo, o Chnoum que torna prósperos os meus membros. Se levanta na direção do bem, que nós estamos preparados aqui! Não tornes fétido meu nome perante os assessores que colocam os homens em seus (verdadeiros) caminhos! Isso será bom para nós, isso será bom para o juiz, isso será agradável àquele que julga. Não imagines mentiras contra mim perante o grande deus, Senhor do Ocidente!Veja: de sua nobreza depende a proclamação da justiça.”(BARGUET,?;75/76)

A próxima variante apresentada sobre o Capítulo XXX é basicamente uma compilação das três partes, no caso a que mais deixa a desejar com relação ao conteúdo e uso do mesmo. Segue:

Para que o coração do morto não seja rejeitado:

“Meu coração “ib” me vem de minha Mãe celeste. Meu Coração “hati” me vem de minha vida na Terra. Que não sejam levantados falsos testemunhos contra mim! Que os juízes divinos não me repudiem! Que sejam verdadeiros os testemunhos concernentes a minhas ações na Terra ante o Vigilante da Balança e o divino Senhor do Amenti. Salve oh! Meu Coração “ib”! Salve oh! meu coração “hati”! Salve oh! Entranhas minhas! Salve oh! Divindade majestosa de luminosos Cetros, Senhores da Sagrada Cabeleira.

Que vossas Palavras de Potência me protejam ante Ra! Fazei-me vigoroso ante Neheb-Kau! Em verdade, embora meu Corpo esteja preso à Terra, não morrerei, pois serei santificado no Amenti...Oh tu, Espírito encarregado da Balança do Juízo, sabe: tu és meu Ka, pois habitas nos limites de meu Corpo! Tu, emanção do deus Khnum, tu dás a Forma e a vida a meus Membros. Vem, pois aos lugares da felicidade para os quais marchamos juntos. Que meu Nome não se corrompa nem se torne pestileno aos olhos dos Senhores todo-poderosos que modelam os Destinos dos homens! E que o Ouvido dos deuses se regozije e seus corações se encham de alegria quando minhas Palavras forem pesadas na Balança do Juízo! Que não se digam mentiras diante do deus poderoso, Senhor de Amenti! Em verdade, grande serei no dia da Vitória.”(NEGRAES,1996)

Pela cópia de cada um dos capítulos e de cada autor, consegue-se ver algumas diferenças entre eles. A última versão de NEGRAES é a que passa menos conteúdo e deixa uma série de lacunas entre as frases. Coloquei-a por último para que se possa perceber que é uma combinação de Budge e Barguet, com algumas modificações que deixam o texto extremamente complicado. A versão de Barguet é a mais completa.

Pode-se perceber também, ao longo da leitura dos capítulos, que a escrita egípcia, e isso pode ser visto tanto nas fórmulas religiosas como em contos, possui uma série de repetições. O texto fica um pouco cansativo, porém especula-se que isto era feito para dar ênfase à parte repetida, que acontecia três vezes, porque esse número formava o plural egípcio.

Por ter sido primeiro oral e depois escrito, o conteúdo ficou o mesmo e, tanto na oralidade quanto na escrita, a repetição é utilizada para marcar o tom e a importância do texto.

As rubricas e as vinhetas desse capítulo citam um amuleto do escaravelho objeto o qual essas fórmulas eram recitadas diante.

O amuleto do escaravelho-corção era feito para ser usado somente no dia do enterro e sepultado com a múmia. Outros amuletos de escaravelho que eram usados em vida também eram enterrados com o falecido, mas, sem o mesmo significado “mágico”.

Esse escaravelho era para ser feito de uma pedra verde e resistente e depois acomodado em uma placa de ouro, com um cordão também de ouro usado para ser envolto no pescoço da múmia. Na parte posterior da placa encontram-se sempre inscrições em hieróglifos e, na grande maioria, eram trechos do capítulo XXXb. Alguns poucos são encontrados com o capítulo VI referente aos shabits e com preces pedindo a proteção do coração a Osíris (Figuras 4 e 5).



Figura 4. Escaravelho-corção de Hatnofer. Hatnofer foi mãe de Senenmout, arquiteto do templo de Hatshepsut em Deir el- Bahri. O amuleto foi feito por volta de 1466 a.C. na 18ª dinastia. Encontra-se no Metropolitan Museum. Fonte: www.insecula.com



Figura 5. Escaravelho-coração de Sobemsazaf. Sobemkazf foi faraó da 17ª dinastia, por volta de 1590 a.C., o amuleto encontra-se no British Museum. Fonte: <http://www.thebritishmuseum.ac.uk>

Os amuletos mostrados acima são feitos como manda o Livro dos Mortos e as rubricas do Capítulo XXX. No entanto, nem todos eram feitos desse jeito. Alguns possuíam uma placa de prata na parte de trás e outros não. O texto era incrustado na própria pedra e eles poderiam ser dos seguintes materiais: xisto, amazonita, jaspe, serpentina, basalto, feldspato, obsidiana, alabastro e vidro.

No período Ramessida eles eram feitos também para servir de peitorais, que simbolizavam o pilono de entrada dos templos. Na lateral do escaravelho encontram-se as deusas Ísis e Néftis adorando o amuleto, (Figura 6).



Figura 6. Peitoral do vizir Paser. Paser foi vizir do faraó Ramssés II, na 19ª dinastia, entre 1290-1224 a.C., o amuleto encontra-se no Louvre Musée. Fonte: www.insecula.com

Esse é um belo exemplo de peitoral que passa a ser usado nessa época. Entretanto, só o escaravelho-coração continua a ser usado, porque foi só uma modificação do mesmo.

A função do escaravelho-coração era de proteger o coração do falecido. A importância desse amuleto se dá porque o coração era o órgão mais importante do corpo para os egípcios. Diziam que nele se encontrava o espírito da pessoa. Por isso, o amuleto era colocado entre as bandagens da múmia no local exato, em cima de onde se localiza o coração. Quando esse era removido ou destruído acidentalmente, o talismã era assentado dentro do corpo como uma substituição ao órgão. (IKRAM&DODSON,1998;140)

O amuleto do escaravelho simbolizava a ressurreição. E essa associação se dá devido ao fato do escaravelho depositar a suas larvas dentro de uma bola de excremento e girá-la pelo deserto. Com o passar do tempo, os novos bichinhos nasciam da sujeira. Assim como o Sol, que todos os dias nasce da escuridão, percorre todo o caminho no céu durante o dia e depois entra na escuridão novamente para renascer no dia seguinte. Desse modo, são encontrados em vários papiros e paredes de templos e tumbas o escaravelho desenhado segurando o disco solar. O escaravelho-coração simbolizava a ressurreição, mas, principalmente, a proteção do coração no Mundo Inferior,

para que esse nunca fosse roubado ou que não depusesse contra seu “dono” no Tribunal de Osíris.

A conceitualização do que é e para que servia o escaravelho-coração é muito complicada porque há uma divergência entre os autores. Cada um atribui uma função ao amuleto. Entretanto, eles concordam em alguns pontos, como a função de proteção que esse exercia; uma característica desse amuleto é o capítulo XXXb do Livro dos Mortos e sua medida, de 3 a 10 cm.

Contudo, percebe-se ao ler o Capítulo XXX e ao observar o amuleto do escaravelho-coração, que um foi criado em função do outro. Apesar do Capítulo XXXb também ser encontrado em papiros juntamente com os capítulos da pesagem do coração, na maioria das vezes ele encontra-se em um escaravelho. Alguns possuem uma maior versão e outros uma menor, dependendo somente de seu tamanho. O poder mágico dos dois é incontestável, pois eles são utilizados basicamente a partir da 12^a dinastia, até o Período Romano, quando se tem o último vestígio do Livro dos Mortos, começa a ser usado com mais frequência o Livros das Respirações. Só que até hoje esse ar místico que o objeto do escaravelho oferece continua extremamente forte, quase que como um símbolo da própria religião dos antigos egípcios.

Notas

- (1) A descrição e o uso desse escaravelho que aparecerá em todas as versões será dada no final da apresentação dos capítulos.
- (2) Aqui no caso é para ser substituído pelo nome do falecido.

Bibliografia

- ANDREWS, C.: **Amulets of Ancient Egypt**. London: British Museum Press, 1994.
- BARGUET, P. **Le Livre des Morts des anciens égyptiens**. Paris: Les éditions du cerf, ?



BUDGE, E.A.W. sir. **O Livro Egípcio dos Mortos**. São Paulo: Editora Pensamento, 2002.

IKRAM, S. & DODSON, A. **The mummy in Ancient Egypt**. Equipping the Dead for Eternity. London: Thames e Hudson, 1998.

NEGRAES, E.de C. **O Livro dos Mortos do Antigo Egito**. O primeiro livro da humanidade. São Paulo: Hemus Editora Limitada, 1996.

PETRIE W. F. **Scarabs and cylinders with names**. London: School Archaeology in Egypt University College, Gower Street, W.C., 1917.

SHAFFER, B. E. (org.). **As religiões no Egito Antigo**. Deuses, mitos e rituais domésticos. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

Fontes iconográficas

www.insecula.com (último acesso em 15 de julho de 2005 às 23h).

www.eternalegypt.com (último acesso em 21 de julho de 2005 às 17h13min.)

www.thebritishmuseum.ac.uk (último acesso em 29 de junho de 2005 às 20h)